



A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA | 1842

THE LAST EXECUTION IN LISBON

Ilustrações / Illustrations: Sandra Duarte



150 ANOS
ABOLIÇÃO
DA PENA
DE MORTE
EM PORTUGAL
1867-2017

“Pelas dez horas e meia do dia 16 de [abril] de 1842, dirigiu-se para o Limoeiro, tangendo a campainha, a Irmandade da Misericórdia, levando à frente o painel que tinha num dos lados a imagem da Virgem, cobrindo com o manto os pecadores e a seus pés as grades de um cárcere, através das quais se divisava o rosto de um preso. Do outro lado do painel via-se a imagem da Nossa Senhora da Piedade. Juntamente com os irmãos iam os condutores da tumba, conduzindo um deles doces e bebidas para oferecer ao condenado, e dois outros, cada um com uma alcofa, destinadas a recolher os donativos no trajeto para a forca, e que seriam empregados em missas por alma do condenado. Seguia-se um padre arvorando um crucifixo, ladeado por quatro acólitos com tochas acesas. Após caminhavam os oficiais de justiça, fechando o préstito uma força militar.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA

Chegado ao Limoeiro, todo este cortejo entra no edifício, desfilando em frente de Matos Lobo, que estava no oratório. Aproximam-se então o carrasco e o seu ajudante e recebem das mãos do irmão da Misericórdia a alva e a corda que viera da Relação, e cuja solidez fora já experimentada. Começa a *toilette* do condenado. Vestem-lhe a alva, põem-lhe ao pescoço o laço de corda e atam-lhe com o restante as mãos, passando-a em volta da cintura; descalçam-no e fazem-no sentar numa cadeira de espaldar e braços, com dois varais, em que dois condutores pegam, erguendo-o e conduzindo-o para a frente de um altar, previamente armado, onde é rezada uma missa por sua intenção. O prior de Marvão, tão pálido como o condenado, é que lhe assiste, exortando-o.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA



Finda a missa, organiza-se o préstito e põe-se em marcha. São 11 horas. O largo regurgita de espetadores e todas as janelas estão apinhadas. Rompe marcha um piquete de cavalaria e segue-se a campainha tocando compassadamente; depois as alcofas recolhendo esmolas, o painel e a Irmandade da Misericórdia, o sacerdote com o crucifixo, voltando-o para o condenado que vem após, sentado na sua cadeira e conduzido por dois forçados, cujas grilhetas soam nas pedras da calçada, vestindo calças de riscado azul, jaquetas brancas e suspensos nos braços os seus chapéus à caçadora. Atrás do condenado seguem o carrasco e o seu ajudante, hirtos nas suas sobrecasacas negras, debruadas de amarelos. Vêm depois os representantes da justiça, em seges de praça – um juiz e três escrivães – fechando o cortejo uma força de infantaria, a qual destacara várias praças que ladeavam todo o préstito.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA



O cortejo desce, parando um momento em frente do Aljube.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA



[O cortejo faz] nova paragem em frente da Madalena. Matos Lobo parece que vai já morto. No Largo do Pelourinho, abre os olhos e torna-os a cerrar, como se a luz do Sol lhos ferisse. Durante o trajeto da Rua do Arsenal ao Largo do Corpo Santo, a sua cabeça bamboleia como coisa inerte.

Ressoam nas torres as últimas badaladas do meio-dia quando o cortejo chega em frente da casa onde se cometeu o crime, junto ao Arco Grande, na Rua de S. Paulo. A multidão ali é mais compacta e comprime-se, curiosa. Em cumprimento da sentença, o cortejo dá três voltas em torno do prédio e para em frente da entrada, ficando o condenado em face da porta.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA



O escrivão entra e assoma à sacada, e, impondo silêncio à multidão, lê a sentença. Em seguida, o padre, tomando o mesmo lugar, faz uma breve alocução sobre o ato e lê a declaração escrita e assinada pelo réu, da confissão do seu crime, em que dizia que o tinha praticado sem cúmplices, movido apenas por uma cega paixão e sem ideia de roubo. Finda a leitura, o padre fez ainda umas pequenas observações e desce a tomar o seu lugar no préstito, que se põe em marcha, passando pelo Arco Pequeno, seguindo para o Conde Barão e entrando, por fim, no Cais do Tojo da Boavista.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA

É uma hora e um quarto. A forca ergue-se sinistra, rodeada por um cordão de soldados. Os irmãos da Misericórdia desligaram o condenado e levaram-no em braços até à escada fatal, onde o executor e o seu ajudante apoderam-se dele e o vão subindo quase em peso, parecendo puxar um cadáver. Enquanto um lhe ampara o corpo, o outro passa no gancho o baraço, subindo uma escada de mão.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA



Neste momento, deu-se um incidente singular. O prior de Marvão procura reconfortar o condenado, mas, subitamente, cai morto. Fulminara-o uma apoplexia. Eleva-se um grande clamor na multidão e o corpo do sacerdote é imediatamente retirado na cadeira onde viera o condenado.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA



No entanto, a execução prossegue. Um padre chamado Sales toma o lugar do prior. O rosto de Matos Lobo é tapado com o capuz da alva e o condenado, com o algoz escarrachado sobre ele, é precipitado no espaço. As pernas do verdugo, porém, resvalam, e ele, para não cair, segura-se à corda. Por momentos, veem-se os dois pendurados, um pelas mãos, outro pelo pescoço, debatendo-se na agonia da sufocação. Por fim, o carrasco, num derradeiro esforço, consegue firmar-se sobre o padecente e completar a execução. Durou o suplício 15 minutos.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA



O corpo de Matos Lobo foi depois metido na tumba da Misericórdia, e, acompanhado por um padre e 20 soldados de cavalaria, conduzido para o cemitério dos Prazeres. O corpo do prior de Marvão foi transportado por quatro galegos, obrigados por soldados, para sua casa, e de lá para a Igreja de Santiago, de onde saiu o funeral para o Alto de S. João. O padre Sales, que também caiu desfalecido, foi conduzido em braços, para uma casa próxima, e de lá seguiu, em sege, para a sua residência.”

Relato da imprensa da época, transcrito no *Diário de Lisboa* de 7 de março de 1922.

A ÚLTIMA EXECUÇÃO EM LISBOA

“At ten-thirty on 16 April 1842, the Brotherhood of Mercy [*Irmandade da Misericórdia*] went to Limoeiro, ringing the bell, carrying before them a panel that had on one side the image of the Virgin, covering the sinners with a mantle, and at their feet the bars of a prison, through which the face of an inmate could be seen. On the other side of the panel was the image of Our Lady of Mercy. Together with the brothers went the carriers of the tomb, one of them carrying sweets and drinks to offer to the condemned man, and two others, each with a pannier to collect donations on the way to the gallows, which would be used for masses for the soul of the condemned man. There followed a priest holding aloft a crucifix, flanked by four acolytes with flaming torches. After them came the officers of the law, while a military contingent closed the procession.

THE LAST EXECUTION IN LISBON

Once it arrived at Limoeiro, this entire cortège entered the building, parading in front of Matos Lobo, who was in the oratory. Then the executioner and his assistant approached and received from the hands of the brother of Mercy the alb and the rope that came from the Court, the soundness of which had already been tested. The bathing of the condemned man then began. They dressed him in the alb, put the loop of rope around his neck and used the rest to tie his hands, passing it around his waist; they removed his shoes and seated him on a chair with a backrest and arms, with two poles which two carriers grasped, lifting it up and moving it to the front of an altar, previously arranged, where a mass was said for his intention. The prior of Marvão, as pale as the condemned man, was assisting him, exhorting him.



Once the mass was over, the procession was assembled and set off. It was 11 o'clock. The square was spilling over with onlookers and all the windows were crowded. A cavalry patrol set off and was followed by the bell tolling rhythmically; then the panniers collecting alms, the panel and the Brotherhood of Mercy, the priest with the crucifix, turning it toward the condemned man who came next, sitting on his chair and carried by two criminals whose shackles rattled on the cobblestones, wearing striped blue trousers, white jackets and their hunter's caps hanging on their arms. Behind the condemned man came the executioner and his assistant, upright in their black frock-coats trimmed with yellow. Then came the representatives of justice in military carriages – a judge and three clerks – and bringing up the rear of the procession was an infantry force, from which several officers were detached to flank the whole procession.

THE LAST EXECUTION IN LISBON



The cortège continued down and stopped just in front of Aljube.

THE LAST EXECUTION IN LISBON



[The procession] stopped again in front of Madalena. Matos Lobo looked as though he was already dead. In Largo de Pelourinho, he opened his eyes and closed them, as if the light of the sun hurt them. On the way from Rua do Arsenal to Largo do Corpo Santo, his head was bobbing like something lifeless.

The last strokes of noon were resounding in the towers as the procession arrived in front of the house where he committed the crime, next to Arco Grande, on Rua de São Paulo. The crowd there was denser and squeezed together, curious. In accordance with the sentence, the cortège circled the building three times and stopped in front of the entrance, with the condemned man in front of the door.

THE LAST EXECUTION IN LISBON



The clerk entered and appeared on the balcony and, calling on the crowd to be silent, read the sentence. Then the priest went and stood in the same place. He spoke briefly about the act and read the statement, written and signed by the defendant, confessing to his crime and saying that he had committed it without accomplices, moved only by a blind passion and not ideas of theft. When the reading was over, the priest made a few remarks and left the balcony to resume his place in the procession, which set off, heading to Conde Barão and finally entering Cais do Tojo da Boavista.

THE LAST EXECUTION IN LISBON

It was a quarter past one. The gallows stood ominously, surrounded by a cordon of soldiers. The Brothers of Mercy released the condemned man and took him by the arms to the fatal steps, where the executioner and his assistant seized him and climbed the steps almost bodily and looked like they were dragging a corpse. While one supported the body, the other climbed a ladder and passed the rope over the hook.

THE LAST EXECUTION IN LISBON



Then something singular happens. The prior of Marvão was trying to comfort the condemned man, but suddenly he dropped down, dead. He had suffered a stroke. There was a great outcry in the crowd and the body of the priest was removed forthwith in the chair that had brought the condemned man.

THE LAST EXECUTION IN LISBON



Meanwhile, the execution continued. A priest called Sales took the place of the prior. The face of Matos Lobo was covered with the hood of the alb and the condemned man, with the executioner straddling him, was launched into the open space. The legs of the executioner, however, slipped, and he held the rope so as not to fall. For a few instants, the two could be seen dangling, one by his hands and the other by his neck, flailing in the agony of suffocation. Finally, the executioner, in a final effort, managed to steady himself above the sufferer and complete the execution. The torture lasted 15 minutes.

THE LAST EXECUTION IN LISBON



The body of Matos Lobo was later placed in the tomb of Mercy [*Misericórdia*] and, escorted by a priest and 20 cavalry soldiers, it was taken to the Prazeres cemetery. The body of the prior of Marvão was carried to his house by four Galicians, compelled by soldiers, and from there to the church of Santiago, whence the funeral left for Alto de São João. Father Sales, who also fainted, was carried in people's arms to a nearby house, and from there he was taken by chaise to his house."

Press report from the time transcribed in the *Diário de Lisboa* of 7 March 1922.

THE LAST EXECUTION IN LISBON